UNIVERSIDADE DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
(TURMA 2009)

Marcelle Moreira Ribeiro

Valorizando o Local

Um estudo sobre conhecimentos científicos e saberes locais na prática docente de professores da escola Nossa Senhora de Guadalupe de Abaetetuba-Pará

Marabá- PA
2015

MARCELLE MOREIRA RIBEIRO

Valorizando o Local

Um estudo sobre conhecimentos científicos e saberes locais na prática docente de professores da escola Nossa Senhora de Guadalupe de Abaetetuba-Pará

Versão Final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Campo (Fecampo), como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), sob a orientação da Prof. Ms. Haroldo de Sousa.

Marabá- PA
2015

MARCELLE MOREIRA RIBEIRO

Valorizando o Local

Um estudo sobre conhecimentos científicos e saberes locais na prática docente de professores da escola Nossa Senhora de Guadalupe de Abaetetuba-Pará

Data da Defesa: 22/10/2015

Conceito: _____

Banca Examinadora

_____

Haroldo Souza, Prof. Msc.
FECAMPO/UNIFESSPA
Orientador

_____

Maura Pereira dos Anjos, Profa. Msc.
FECAMPO/UNIFESSPA
Examinadora Interna

_____

Maria Célia Vieira, Profa.Msc
FECAMPO/UNIFESSPA
Examinadora Interna

Marabá-PA
2015

Dedico este trabalho à Maria da Conceição Correa Moreira (minha Mãe).

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, ser este que representa minha força espiritual a vontade de superar e seguir em minha jornada, pois durante meu percurso, para chegar até aqui.

A Alessandra Nery, que abriu as portas da cidade de Marabá para que pudesse conhecer Yara Alves e a Família Nascimento, que até hoje compartilhamos o mesmo teto e encontramos forças para continuar longe de nossas famílias durante as férias para estudar e nos adotando como parte da sua, Dona Deuza, Dona Dilza, Seu Ferdinando, Frederico Vincci, Fernanda Nascimento (nossa mãe não só no período intervalar), Sabrina Nascimento e outros.

As novas amizades construídas na corporação de Bombeiros, que me ensinaram, durante as comemorações, o respeito para com o próximo, agradeço profundamente pelo tempo passado com vocês.

A Adriana Silva, Neuza Rodrigues, Ruth e Raquel que me acolheram em suas casas e estimularam a prosseguir com os estudos nas horas difíceis.

À minha mãe (Maria da conceição Correa Moreira), que desde quando nasci assumiu a total responsabilidade de me criar e educar, repassando os ensinamentos de lealdade e sinceridade, sem ajuda de outros meios, a não ser através do seu trabalho de sol a sol, para que eu e meu irmão pudéssemos chegar a concluir um ensino superior.

A Dielly da Silva Castro & Francisco Moreira Ribeiro Neto, que me ajudaram na organização e correção desse TCC, para que eu pudesse concluir este trabalho a tempo, me dando força e puxões de orelha para termina-lo.

A meu noivo (Jonnes Matos Silva), que trabalhava durante a semana e nos fins de semana não media esforços para poder me ajudar na coleta de dados e me dando forças nos momentos de perdas, que influenciaram totalmente em minha vida cotidiana. Obrigada meu Deus por colocar essa pessoa em meu caminho e que possamos seguir até o fim de nossas vidas. Obrigada.

As minhas amigas Marcia Cardoso e Gil Carvalho por estarmos juntas nas alegrias e tristezas, como na perda de nossa amiga Renata Kelly Paes (In Memória), a qual tinha planos de terminar nosso curso de graduação juntas e dai ficarmos ricas (nas brincadeiras). Obrigada meninas pela força.

A minha família e as historias das Matriarcas que constituíram nossos saberes, ensinamentos e aprendizados leais, pois elas serviram de alicerces a nossa coragem para seguirmos em nosso caminho.

Aos Professores, que formaram uma luta em prol dos povos que vivem a margem da sociedade brasileira e, que juntos a autores de diversas teorias nos proporcionaram olhares diferentes e críticos do mundo em que vivemos, desde, o inicio de nossa descoberta.

E a todos nossos clientes que sempre oram para que umas de minhas guerras cheguem ao fim, por ser nossos fieis colaboradores em nosso trabalho tão leal e honesto.

Enfim, a todos aqueles que participaram de minha formação acadêmica no Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, sendo este um movimento do qual me dediquei e abracei a causa por grupos do campo como quilombolas, sem terra e ribeirinhos.

Obrigada a todos.

Sumário

RESUMO **08**

ABSTRACT **09**

LISTA DE IMAGENS **10**

INTRODUÇÃO **11**

Capitulo 1

A Educação escolar em uma comunidade ribeirinha **16**

Capitulo 2

De Abaeté a Nossa Senhora de Guadalupe **20**

Capitulo 3

Entre conhecimentos científicos e saberes locais **26**

Capitulo 4

(Re)Pensando as práticas de ensino em Educação do Campo **31**

Considerações Finais **36**

Referências **38**

Outras referências **40**

Resumo

Este Trabalho analisa as práticas de professores do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) da escola de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora de Guadalupe, localizada no Rio Tucumanduba, município de Abaetetuba. Para tanto, utilizou-se autores das áreas da Educação, Educação do Campo e Ciências Sociais, assim como, entrevistas informais realizadas com os professores dessa escola, mostrando como eles desenvolvem seus currículos e processos educativos dentro da sala de aula e se eles valorizam esses saberes. Os resultados revelam preocupações enquanto investigação de educadores que trabalham durante anos em comunidades tradicionais, aqui apresentado, na região ribeirinha, escola que trabalha desde o ensino fundamental menor por tempo integral e o ensino médio funciona em um sistema de rotatividade de educadores integrados aos SOME, que por sua vez durante conversas e entrevistas justificados na falta de tempo, pois durante sessenta dias tem que fechar a disciplina, assim não restaria momentos de interação com a comunidade e alunos e assim preparar aulas que aproximemos o livro didático com a realidade do local.

Palavras-Chave: Rio Tucumanduba; Comunidade de Guadalupe; Educação do Campo; Conhecimento científico ; Saberes locais.

Abstract

This work examines the practices of teachers Modular Teaching Organization System (SOME) of the Elementary School and Middle School Our Lady of Guadalupe, located in Rio Tucumanduba, municipality of Abaetetuba. To this end, we used authors of the areas of Education, education field and social sciences, as well as informal interviews with teachers of this school, showing how they develop their curricula and educational processes in the classroom and whether they value these knowledge. The results reveal concerns as research educators working for years in traditional communities, presented here, on the seashore, school working from the smallest elementary school full-time and high school works on a rotation system of integrated educators to SOME, which in turn during conversations and justified interviews the lack of time, because for sixty days have to close the discipline, so there would be moments of interaction with the community and students and thus prepare lessons we approach the textbook with the reality of the place.

Keywords: Rio Tucumanduba, Community of Guadalupe, Rural Education, Scientific knowledge and local Knowledge.

Lista de Imagens

Imagem 1: Trapiche do município de Abaetetuba **(p. 21).**

Imagem 2: Braços de rios próximos a Nossa Senhora de Guadalupe **(p. 22).**

Imagem 3: Igreja e Barracão de Nossa Senhora de Guadalupe **(p. 23).**

Imagem 4: Escola de Nossa Senhora de Guadalupe **(p. 26).**

Imagem 5: Momento de aula na Escola de Nossa Senhora de Guadalupe **(p. 27).**

Introdução

Quando o curso de Educação do Campo foi lançado pela primeira vez no edital da então Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus Marabá, hoje Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, logo me chamou atenção, por ser um curso "novo" no Estado do Pará, uma vez que já vinha sendo trilhado em outras universidades a exemplo da Universidade santa Catarina (UFSC); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Universidade de Brasília, (UNB). Além disso, me chamava atenção também o fato de o curso ser voltado para a área do campo, que se inserem povos ribeirinhos, quilombolas e indígenas. Um curso preocupado com esses grupos sociais específicos, com a valorização de seus costumes, saberes e dizeres e demandas imanentes do campo.

Nesse interim, ao iniciar o curso em Educação do Campo na Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus Marabá 2009, fui estranhando e ao mesmo tempo me identificando com leituras, temáticas e objetivos do curso. Entre estranhamento, construção e (des) construções, o curso se mostrou muito frutífero em informações que me instigavam o olhar. Tratava-se de um curso intervalar ou em regime de alternância pedagógica realizado nos meses de janeiro-fevereiro e junho e agosto, pela manhã e tarde nesses meses.

Como moradora do Município de Abaetetuba, a ideia que eu tinha de campo diferia das ideias abordadas nas primeiras aulas. Logo percebi como o curso estava voltado para o contexto que marcava a região de Marabá, os conflitos por terra, os atores sociais, integrantes do Movimento Sem Terra, fazendeiros.

Todos os demais alunos da turma faziam parte desse contexto, estavam de alguma forma ligados ao Movimento Sem Terra. A imagem que eu possuía do movimento era totalmente deturpada, formada pela mídia, ideias do senso comum que reforçavam a ideia do movimento como um grupo de pessoas que queriam o direito de se apropriar de algo que não lhes pertencia, pessoas que não precisavam de terras.

Por conta disso, nesse primeiro momento de 2009, o curso, para mim, não durou quinze dias durante o mês de julho, pois resolvi deixar a Universidade não só por problemas pessoais, mas sim, por esse embate de ideias que naquele momento quebrara as minhas expectativas em relação ao curso. Minha mãe estava abrindo uma loja de confecções, eu e meu irmão ajudávamos na organização. Com o passar do tempo quando os negócios já estavam organizados, resolvi voltar para a Universidade,

na turma de 2010, que continham novos companheiros, que me esclareceram e esclarecem até hoje minhas dúvidas sobre Movimentos Sociais Organizados do Campo.

Quando reiniciei as aulas, na ocasião do seminário de apresentação de Educação do Campo, estavam presentes lideranças como Charles Trocate dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e várias outras entidades civis organizadas, fazendo um interessante apanhado das lutas sociais e confrontos que serviram de alicerce para políticas públicas e por uma Educação do/no Campo, valorizada e pensada para e pelos povos do campo.

Durante o seminário, Charles Trocate comentou sobre o início o dos MTS, seus objetivos, lutas, perdas e conquistas. De como é importante grupos se definirem e se identificarem para que possam lutar por seus direitos, montar estratégias de discussões com o governo para que este veja de onde a massa popular se afirma, de onde fala, e que políticas públicas sejam efetivadas.

O seminário me permitiu compreender que o Curso de Educação do Campo junto aos Movimentos Sociais é uma entre outras conquistas, pois os filhos de camponeses, ribeirinho, quilombolas e povos indígenas estão entrando nas Universidades e se graduando, se especializando para poder se expandir e mostrar que eles (re)existir com seu modo e sua tradição, e juntos compartilhar conhecimentos.

Nesses últimos quatro anos (2010-2014), de conhecimentos, trocas de experiências e ensinamentos neste curso, junto a professores vindos de diferentes localidades e que não nos deixavam com dúvidas durante as disciplinas, pois seus compromissos como docentes e a luta por uma mesma causa (educação do campo), nos tornavam, a cada aula, defensores compromissados com a educação do campo, proporcionando ao mesmo tempo teorias que nos faziam criticar os modelos sobre os quais ciências são ensinada nas salas de aula.

Além disso, é importante ressaltar que por ser oriunda de Abaetetuba/Pará, aproximadamente a quatrocentos e cinquenta e seis quilômetros da cidade de Marabá, onde cursei Educação do Campo, trazia comigo um diferencial pois abordava em meus trabalhos minhas experiências do campesinato de minha localidade o que para a realidade onde a maioria dos discentes eram da região de Marabá era totalmente novo, assim como fora no inicio para mim.

Tudo aquilo que eu mostrava durante as apresentações dos Trabalhos de Campo do Tempo-Comunidade por ser desconhecido ficava mais interessante e nessas

trocas de conhecimentos passávamos a perceber outras regiões tão pertinho de nós e juntos misturávamos nossas crenças, costumes, tradições, mitos e histórias, essas contadas na sala da diversidade cultural.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo traz novos pressupostos de educação com uma formação de sujeitos diferenciados, possibilita que o educador do campo e alunos realizem a troca de conhecimento e adequem esse processo de forma mais agradável para ambos.

De acordo com CORDEIRO, REIS & HAGE (2011), a Pedagogia da Alternância é uma estratégia bem pensada que articula espaços educativos, concebe que a educação pode se realizar tanto em sala de aula quanto nos outros espaços que compõem o convívio social dos alunos. Os educandos do campo podem assim, ter acesso à escola sem ter que abandonar o trabalho, sem deixar de lado o aprendizado proveniente da vida na sua comunidade.

Desta forma, o que propõe esta prática pedagógica é que o educando possa refletir sobre sua própria realidade, seja capaz de aplicar os conhecimentos científicos que apreende no espaço formal de educação em seu cotidiano.

O curso de Educação do campo faz uso estratégico dessa metodologia, pois se encontra dividido em dois períodos específicos, o primeiro, chamado Tempo-Universidade ocorre em janeiro-fevereiro e julho e Agosto, neste período os alunos de diferentes localidades juntos em sala preparam momentos de trocas experiências e de conhecimentos, durante seminários, debates, rodas de conversas.

Ocorre todo um aprendizado teórico de autores das áreas de sociologia, filosofia, história, geografia e de educadores do campo. No Tempo-Universidade aprendemos o modo como conversar com a comunidade para obter as informações e conhecimentos necessários para serem repassados em nosso âmbito familiar e educacional deixando em cada um algo que os toquem socialmente.

O segundo período, ocorre nos meses que estamos fora da Universidade, é denominado de Tempo-Comunidade (T-C). Durante esse tempo colocamos em prática tudo o que aprendemos na academia cientifica, em comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e outras.

Durante os trabalhos de Campo no período Tempo-Comunidade para pôr em prática o que aprendemos em sala de aula, presenciei por diversas vezes o modo como os professores do Sistema de Organização de Ensino Modular (SOME), professores esses que se movimentam de comunidade em comunidade, ministravam

suas aulas durante dois meses em cada escola, trazendo estilos de conhecimentos (saberes científicos), que aprenderam nas universidades que, por vezes, não condiziam com as realidades da comunidade ribeirinha que eu fazia minha prática de ensino.

Tendo por base os nossos conhecimentos cotidianos que constroem nossas identidades, cada educando escolheu um local para o desenvolvimento do respectivo Trabalho de Campo, partindo de uma das primeiras aulas ministradas pela professora Dra. Idelma Santiago sobre Árvores Genealógicas no Tempo Universidade, na qual fizemos uma investigação metodológica, a fim de reconhecermos os saberes do lugar de onde viemos.

Escolhi então uma dentre as setenta e duas Ilhas ribeirinhas de Abaetetuba, situada no Rio Tucumanduba–Médio, sendo este um dos afluentes do Rio Pará da cidade de Abaetetuba. O interesse pelo tema da educação em educação do campo surgiu ainda na graduação, durante palestras, estudos, debates, seminários para lutar pelo reconhecimento de uma forma de ensinar dos Educadores do Campo no Campo para a construção de Saberes e Dizeres na região ribeirinha ou no lugar em que ela aconteça.

Através de observações dos trabalhos de campo e do Tempo-comunidade realizados durante as disciplinas do Tempo Universidade, me despertou o interesse em aprofundar meus conhecimentos nessa área, levando-me para uma discussão teórica e prática da qual minha preocupação ocorre até os dias de hoje, pois professores que tiveram uma educação bastante cartesiana e urbana levam para as comunidades ribeirinhas os conhecimentos que aprenderam nas Universidades como modelos, isto é, servem para explicar a realidade em qualquer contexto, seja na cidade urbanizada, seja nos interiores ribeirinhos, não se atentando para a valorização do conhecimento local.

A ênfase principal deste Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) reside em evidenciar como os professores ministram suas aulas nas regiões ribeirinhas, se incorporam ou não os conhecimentos do cotidiano de seus alunos para explicar as disciplinas e com isso, valorizar os conhecimentos locais como meio de explicação da realidade.

Para tanto, se utilizará de um método nas ciências humanas, a observação participante, além de entrevistas formais e conversas informais com os professores da escola Nossa Senhora de Guadalupe.

Assim sendo, este trabalho está estruturado da seguinte forma, no capítulo 1, intitulado, ***A Educação escolar em uma comunidade ribeirinha,*** busca-se mostrar um pouco do surgimento da Educação do Campo no contexto nacional.

O capítulo 2, denominado, ***De Abaeté a Nossa Senhora de Guadalupe***, localiza a comunidade e aborda a experiência de inserção no lócus, fazendo uso de imagens para melhor ambientar o leitor.

No capítulo 3, chamado, ***Entre conhecimentos científicos e saberes locais,*** objetiva descrever como a articulação entre diferentes conhecimentos no cotidiano da sala de aula.

No capitulo 4, nomeado ***(Re)Pensando as práticas de ensino em Educação do Campo,*** procura-se relacionar como os conhecimentos científicos de um lado e os conhecimentos tradicionais de outro, se dão ou deveriam se dar nas aulas.

Nas **Considerações Finais**, tenta-se evidenciar um pouco como este trabalho pode contribuir para outras análises similares com outros recortes empíricos em trabalhos posteriores.

Capitulo 1

A Educação do Campo em uma comunidade Ribeirinha

A Educação do Campo surgiu no século passado e colocava em evidencia os processos de exclusão social, política, econômica e cultural que os "povos" ou "comunidades" tradicionais vinham e ainda vem sofrendo em diversas regiões do País.

O curso vem trazendo esse olhar multifacetado da realidade do campo como, por exemplo, na exploração e escravização de populações indígenas e africanos e suas várias etnias em nosso país desde seu descobrimento, assim como suas consequências nos dias atuais, que formavam/formam as realidades dos sujeitos, por vezes, antagônicas, da qual Maria Antônia de Souza (2010), aponta que:

> A educação do Campo surge como novo paradigma para pensar os sujeitos do campo, valorizando seus trabalhos, trabalhadores, suas particularidades, contradições e organização cultural como práxis. Ela se coloca contra o paradigma da educação rural, ou seja, aquela que esta vinculada aos interesses do governo, como agronegócio, do capitalismo agrário e ao fortalecimento das políticas do esvaziamento dos sujeitos do campo (SOUZA, 2010).

Isso porque através de propagandas ou rádios, bancos financiadores e outros meios, mostram os investimentos e avanços no campo (elite empresarial), cuja realidade concreta desses sujeitos vem se tornando mais conhecida por meio de pressões de movimentos sociais organizados na luta por uma educação de qualidade para os trabalhadores do campo como nos diz Maria Isabel Pinheiro (2011), para quem, antagonicamente

> Inovaram; no maquinário, no aumento da produção de grão, nos agrotóxicos, alterações dos genes das sementes para exportação em larga escala. Mas, os que tem usufruído desses avanços são pequenos grupos de latifundiários, empresários, banqueiros e políticos nacionais e internacionais enquanto a outros é negado o acesso a terra para sobreviver e garantir o sustento de outros brasileiros (PINHEIRO, 2011).

Dessa forma, é que os Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ONGS, educadores, educando e sociedade civil se articularam e se articulam há tempos, lutando e pressionando o governo Federal, Estadual e Municipal, e em prol de políticas públicas para criar alternativas de permanência dos jovens e trabalhadores do campo no campo, através de financiamentos, assistência técnica, educação, entre outros.

Isso vem ocorrendo com a preocupação de que se valorize os conhecimentos locais e se planeje o modo mais adequado para uma educação de qualidade para que esses jovens possam se qualificar adquirindo saber científico e, ao mesmo tempo, a

partir da valorização de seu lugar, como espaço de lutas e resistências para o reconhecimento de suas comunidades. reelaborar

Conforme nos aponta Fernandes (2005), o campo é formado por diversos territórios que aborda todas as espécies de relações humanas. O campo requer demandas distintas, cada território que forma o campo é dotado de particularidades, desta categoria emergem diversas relações. Por isso, a educação no campo deve ser pensada essencialmente dentro de cada contexto, caso seja pensada fora dele, não é educação, torna-se dominação.

Ainda em diálogo com o autor, temos que a educação no campo surge no sentido de tornar o indivíduo, ocupante dos territórios do campo, protagonista do processo de construção de seu território, considerando as especificidades deste.

Dessa forma, autores como Roseli Caldart, cuja produção versa sobre movimentos sociais do campo, educação, escola, pedagogia do movimento e Bernardo Mançano Fernandes (2008), que aborda principalmente teorias dos territórios, paradigmas da questão agrária e do capitalismo agrário, reforma agrária, desenvolvimento territorial, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem sido inspirações teóricas e práticas para os novos pesquisadores da Educação do Campo como ressalta Fernandes (2008),

> No movimento de debate e contestação da politica e da educação rural, empreendido pelos movimentos sociais do campo, emergem uma nova concepção de educação denominada Educação do Campo (FERNANDES, 2008).

No campo mais específico essas lutas e o conceito de educação do campo se fortaleceu e ganhou destaque a partir da I Conferencia Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada no ano de 1998, a partir dela, foram elaborados trabalhos e coletâneas versando sobre Educação do Campo, que vieram relatar o processo de sua construção e fortalecer as demandas por politicas publicas em vários aspectos da vida no campo.

Nesse mesmo contexto é verificada uma grande necessidade em se ter profissional de educação específica para as áreas do campo, isto é, profissionais que possuíssem formação específica (licenciatura), pós-graduações e/ou aperfeiçoamentos na área da educação do campo.

Para isso, foram lançadas políticas quanto à educação formal para professores como nas licenciaturas em Educação do Campo, seja nas Universidades Federais (UFS), seja por meio da Formação continuada, Plano Nacional de Formação de

Professores da Educação Básica (PARFOR), além de diversificação das experiências educativas no campo, a exemplo das Casas Familiares Rurais, a construção da Escola Família Agrícola (EFA), Escolas Itinerantes, que ajudam na ampliação do conhecimento e ao direito de comunidades ribeirinhas, como a de Guadalupe em Abaetetuba, a terem educação de qualidade e que valorize os conhecimentos locais como salienta Roseli Caldart (2008),

> A Educação do Campo não se conduz ao debate da escola, da formação formal ou das propostas pedagógicas. A materialidade educativa de origem da educação do campo está nos processos formadores dos sujeitos coletivos da produção e das lutas sociais do campo (CALDART, 2008).

A educação do Campo pretende ir além das fronteiras educacionais que antagonizam os currículos entre cidade e campo, como ressalta a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, (1996): "que a oferta da educação básica à população rural, não é a mesma compreensão dos movimentos sociais e da academia científica em relação à educação do campo", pois ela (LDB) se volta à lapidação de mão de obra visando o mercado de trabalho, sendo isso uma de suas bases e objetivos, que buscam preparar os jovens para o mercado de trabalho, seja este no ensino fundamental, médio, técnico ou superior como uma preparação de grande "valorização".

E a educação do campo traz uma proposta que trabalha com a realidade de trabalhadores e trabalhadoras do campo, relacionada ao trabalho que eles desenvolve no campo, pois precisa-se perceber que ele possui uma característica própria que o diferencia da sociedade urbana, as quais devem ser planejadas pelos educadores da educação, considerando o meio de onde se fala, fazer com que esses sujeitos se identifique e lute pelos seus direitos enquanto uma sociedade pensada, com sua participação nos processos educacionais vinculada a sua cultura e necessidades humanas e sociais.

A Educação do Campo propõe, por isso, para as áreas ribeirinhas como para pescadores, agricultores e artesãos, que através das organizações, possam reivindicar melhorias e ampliação na área escolar, infraestrutura, para que o ensino chegue até eles de forma a valorizar os conhecimentos de seus cotidianos, e não que eles saiam ou abandonem seus costumes.

Sabemos que a categoria campo não é uma categoria homogênea, ela engloba diversos grupos sociais que habitam regiões geograficamente distintas, então não podemos pensar em Educação no Campo sem saber de qual campo estamos falando.

Essa localidade do qual falo é o contexto habitado pelas comunidades das margens do rio tucumanduba.

Nessas localidades o meio impõe sua dinâmica à vida social, e isso aprofunda a relação do homem com a natureza, “o imaginário é rico e o ribeirinho faz uso desse imaginário para explicar fenômenos da natureza” (LOUREIRO, 1995).

Por isso, a educação do campo e currículo escolar deve estar voltados para as especificidades do contexto campo/ribeirinho, no caso deste trabalho, realizando as atividades de acordo com o local, onde o currículo deve ser construído levando em consideração aspectos da cultura e da dinâmica local, festividades, imaginários e até as próprias condições impostas pelo meio. Valorizando conhecimentos locais para que os alunos se situem no fazer escolar, e contribua para que saberes e tradições se reproduzam e se recriem na comunidade, seja no viés da tradição oral, seja no viés da educação formal ou informal.

Dessa forma passamos a perceber a produção cultural, social e econômica do local, sendo importante para a construção de uma identidade reconhecida seja ela em âmbito nacional ou internacional de respeito e valorização da pessoa humana, ajudando assim a (re)orientar aqueles que cheguem nessas escolas e nas comunidades ribeirinhas.

Assim ,quando se fala em educação do campo, fala-se em reforma agrária, de construção de uma nova concepção de biodiversidade, de debates sobre cultura, politicas públicas, sendo preciso o tempo todo fazer e refazer as leituras político-pedagógicas, econômicas e culturais a partir dessas comunidades e das contradições que nelas estão postas dentro da lógica neoliberal que deve ser criticada se queremos uma Educação do Campo que efetive ao que se propõe.

Capitulo 2

De Abaeté a Nossa Senhora de Guadalupe

O Rio Tucumanduba está localizado no município de Abaetetuba[1], cidade a duas horas de Belém, sendo ambas do Estado do Pará. Está dividido em Baixo, Alto e Médio Tucumanduba, sendo que cada um desses cursos do rio se organizam em torno de uma comunidade, que possuem escolas e igrejas (católicas ou evangélicas). A localidade e escola escolhidas para esta pesquisa se situa no rio Tucumanduba médio.

Durante as idas para a comunidade, para realizar as práticas docentes em educação do campo, compartilhar e receber saberes da comunidade ribeirinha, entre alunos, professores, pais, parentes e amigos se observa muita simplicidade em cada um, com seus modos de vivência, como se movimentam nas canoas, andam ou correm no "miritizero" [2], ou como caminham tão firmemente nas pontes e que à noite sentam na "cabeça da ponte", como dizem os moradores locais.

Para compartilharem os saberes dos mais velhos da comunidade, de suas tradições, suas regras e modos de vivência na "calmaria" em um lugar de várzea, contos, histórias com exuberante imensidão de água, árvores e animais, que leva e traz conhecimentos entre os rios e marés de comunidades a comunidades, assim como, às cidades em que os moradores circulam (vendem seu produtos como o açaí) como em Abaetetuba, Belém e outras cidades.

O trajeto das "freteiras"[3], que sai das comunidades ribeirinhas até a cidade de Abaetetuba é feito de porto em porto buscando passageiros, por volta das quatro horas da manhã. As "freteiras" transportam além de pessoas que vão para fazer vendas de seus produtos (açaí, peixe, farinha e outros), produtos trazidos da cidade e pessoas (crianças, jovens e velhos), que procuram hospitais ou clínicas, entre outros.

Chegando ao porto ou trapiche de Abaetetuba(imagem nº 01) por volta das seis horas da manhã, os passageiros ou vem conversando ou dormindo no barco, até

---

[1] Segundo o censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Abaetetuba possui uma população de 141.054 habitantes, sendo que 82.950 vivem na cidade e 58.104 vivem na zona rural/campo, nas inúmeras colônias, rios, igarapés e ilhas. A população ribeirinha em especial é muito grande e são isentos de segurança, serviços básico de saúde, áreas de lazer entre outros, dependendo exclusivamente da cidade.

[2] *"Miritizero":* tronco de árvore, geralmente que é colocada como uma espécie de ponte entre a terra e o rio.

[3] *"Freteiras":* barcos ou embarcações de grande, médio ou pequeno porte que transportam moradores dos rios até às cidades, no caso deste trabalho para Abaetetuba.

chegarem à cidade para ir ao comercio, que costumam abrir por volta das oito e nove horas da manhã.

Imagem 1: Trapiche do município de Abaetetuba.
Fonte: Google Imagens/2015.

Depois de tudo feito na cidade, os passageiros retornam ao porto para regressarem às comunidades, pois o tempo da cidade parece correr mais rápido que o tempo das marés. O embarque é feito no trapiche da cidade de Abaetetuba, no posto de gasolina chamado de Texaco. Duas das embarcações em meios a tantas fazem o trajeto até a comunidade do rio Tucumanduba Médio, passando por várias outras até o meu destino final. Saindo por volta das onze horas e chegando por volta das quatorze horas com várias paradas pelos vários rios, furos e igarapés sendo este o único meio de transporte para esse local, o hidroviário.

Na saída, quando me distanciava do trapiche da cidade, logo me acomodava em cima do barco para fotografar tudo aquilo que marcava a paisagem dos povos das águas e que, através delas pudessem se envolver com os sujeitos e seus lugares, observando os saberes e fazeres, entre os braços de rios e árvores, florestas, várzeas, baias, praias, ilhas com seu realismo maravilhoso (contos da cobra grande), que atravessamos até chegar à comunidade, como na imagem baixo.

Imagem 2: Braços de rios próximos a Nossa Senhora de Guadalupe.
Fonte: Retirada pela pesquisadora em 2015.

Entre as conversas com os passageiros, professores, moradores e alunos que estudavam em Abaetetuba, uma das primeiras perguntas que me faziam era a qual sítio (comunidade) ou família eu pertencia, como a maioria se conhece, isso acabava por virar uma grande roda de conversa, buscando lembranças do passado em que minha família passava fins de semana ou mesmo semanas inteiras no sitio para conversar como alguém que pertence àquele lugar, mesmo que temporariamente para fazer esta pesquisa.

De pontes em pontes eram deixados passageiros, com ajuda de conhecidos, que desembarcavam suas compras, crianças, jovens e adultos em todos os braços de rios de suas casas, embarcando em outras canoas a remo, ou em "rabudos" ou "rabetas" (que são canoas com um pequeno motor, muitas operadas por crianças e adolescentes), em um equilíbrio entre barco, peso das compras, corpos e marés de impressionar a quem não estava habitado com esse visão, a intimidade do homem com a natureza, é integrante dela, o vento e a maresia não o assustam, pura imagem amazônica paraense, o ribeirinho.

Chegando à casa de minha tia (Maria José Maués), que me acolhia enquanto estava realizando as práticas de ensino na escola bem como o levantamento de dados, pude obter as primeiras informações acerca do funcionamento da escola.

Para chegar à escola seguíamos para o local da igreja e barracão,(imagem nº 03) abaixo, isso porque da casa de minha tia, para se chegar à escola era preciso passar por eles, para quem não vai de barco/canoa, pois a escola fica próxima à igreja.

Imagem 3: Igreja e Barracão de Nossa Senhora de Guadalupe.
Fonte: Retirada pela pesquisadora em 2015.

Depois de passarmos pela igreja chegávamos à escola de Nossa Senhora de Guadalupe, imagem a frente, na escola, professores vindos de outras cidades como, Belém, Abaetetuba ou de outras regiões como Ilha do Capim, lecionavam para os alunos dessa comunidade como se verá a seguir.

Na comunidade há a presença de uma escola e uma igreja católica, ambas denominadas Nª.Sª.do.Guadalupe, sendo que o terreno foi fruto de doação da Sª Benedita Maués (*in memória*) mas conhecida como Tia Ita, que foi a base para um passo na educação e o fortalecimento do catolicismo no local.

Construída no dia 10/07/1997, a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora Do Guadalupe, instalada no Rio Tucumanduba Médio na cidade de Abaetetuba- Pará. A oferta para o Ensino Fundamental Menor e Ensino Fundamental Maior são de 14 a 27 alunos por turma, organizados por séries e sua forma de ensino são presenciais, os professores são contratados ou efetivos pela Prefeitura Municipal de Abaetetuba. Os documentos do Ensino Infantil seguem para Abaetetuba onde são anexados a Escola Luis Varela, sendo organizados e enviados a Secretária de Educação.

O Ensino Médio, é ofertado através do Sistema Modular de Ensino (SOME), ele vem se ampliando significativamente no Estado do Pará, junto a Secretaria de Educação

do Estado (SEDUC) atende principalmente, o público jovem- adulto em busca de conclusão de Educação Básica, que não deseja sair de sua localidade ou não dispõe de recursos financeiros para seguir com seus estudos, pois essa ainda é a única estratégia de cursar o ensino médio.

Os professores que fazem parte desse projeto estadual em processo de rotatividade,precisam levar em conta a realidade do campo/ ribeirinho, com caraterísticas especifica e particulares construídos dentro de uma determinada cultura, saberes e processos históricos.

Trata-se de um projeto que insere professores efetivos ou contratados do Estado, dentre uma combinação entre a rede municipal e estadual em ceder salas ou espaços com objetivo de trabalhar com e para os sujeitos do campo, para que jovens estude e permaneça em sua comunidade, trabalhando e refletindo os princípios da diversidade, identidade e saberes locais, debatidos em sala de aula.

Trata- se de uma organização com objetivos entre município e estado em se levar o ensino médio para localidades do campo, seja ele no meio rural ou ribeirinho, se dispondo do sistema regular de ensino, pois o pequeno número de alunos e a complexidade geográfica de comunidades no extenso território paraense dificulta com que o ensino se regule, o Pará é o segundo maior estado do Brasil e Abaetetuba segundo o IBGE 2010, uma população de 141.100 (2010) sendo que 58.102 (2010) residem na zona rural e ribeirinha são mais de setenta ilhas na cidade de Abaetetuba e nelas movimentam–se educadores do SOME levando seus conhecimentos para se compartilhar e absorver os conhecimentos dessas comunidades ribeirinhas.

A Escola de Nª. Sª. de Guadalupe funciona em um prédio totalmente legalizado, estando incluída no Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), no valor de R$ 6.000,00 reais por ano, sendo distribuídos de acordo com as necessidades dos aluno, professores e da própria escola (materiais e reformas). Possui uma estrutura permanente de concreto, coberto com telha, lajotado e sua fonte de energia movida a motor.

Os que fazem parte do Some varia entre seis a sete professores a cada módulo e fazem parte do quadro escolar da escola Nª Sª de Guadalupe, além deles oito educadores são efetivos no Ensino Fundamental e residem nas localidades ou próximas delas, são estes que fizeram parte das primeiras construções de saberes da escola informal, através do aprendizado do multisseriado que se iniciou em suas casas e que hoje seus filhos e netos tem a oportunidade de ter um espaço confortável e estruturado,

uma melhora na educação. E estes conhecem de perto as necessidades de uma educação voltada para o campo, valorizando o saber dos ribeirinhos.[4]

O funcionamento do Some implica em organizar, definir as metodologias de ensino de trabalho, temas e de projeto para dialogar com as comunidades para em formas de organizações onde conhecimentos científicos e saberes locais se misture para os planos de ensino- aprendizagem permitindo (re)conhecer o potencial da região, e ainda, uma proposta que revele as identidades e subjetividades dos sujeitos e suas diferentes cultura, provocando seu imaginário sobre a realidade local e atual.

Os moradores do Rio Tucumanduba- Médio vivem da agricultura, plantio de açaí, artesanato, confecção de "paneiros", da caça e do pescado e grande parte dessas famílias são cadastradas em programas do governo como bolsa família ou aposentadoria. Durante o período de novembro a fevereiro em que a pesca fecha, conhecido como a Piracema, período de reprodução dos peixes, cada pescador associado na Colônia dos Pescadores recebe uma quantia de um salário mínimo por mês durante a temporada, é um benefício do Governo ao pescador durante o período de paralização da pesca para a preservação de espécie, que varia de acordo com a cada região, conhecido como Seguro Pesca, para poder manter sua família com alimentos durante esse período.

Por tudo isso esses são os pequenos e grandes gestos de abraçar a causa e de comprometimento com o local e principalmente com os povos ribeirinhos, se inserindo na comunidade e vivê-la, um dos primeiros passos em que o educador do campo da quando decide compartilhar seu conhecimento acadêmico.

[4] Dados retirados do 2° Trabalho de Campo, Marcelle Moreira Ribeiro, 2011. *Caraterização Geral da Comunidade e Escola da comunidade. Nossa Senhora de Guadalupe no interior de Abaetetuba-PA.*

Capitulo 3

Entre Conhecimentos científicos e Saberes locais

Como dito anteriormente, o foco central desta pesquisa é analisar um pouco da prática que professores da rede estadual exercem junto ao corpo discente da escola de Nossa Senhora de Guadalupe, professores estes concursados ou contratados via Sistema de Organização Ensino Modular (SOME), evidenciar se de alguma forma eles fazem em relação ao cotidiano do ribeirinho, de modo que, esses saberes culturais desses sujeitos possam atuar pedagogicamente junto ao currículo escolar imposto pela secretaria de educação, priorizando um modelo eurocêntrico e urbano para as escolas do campo.

Na escola de Nossa Senhora de Guadalupe, como ilustra a imagem abaixo, as entrevistas se deram com duas professoras que estavam na comunidade em novembro do ano passado (2014), elas se dispuseram a falar um pouco sobre suas aulas e como organizam os conteúdos.

Imagem 4: Escola de Nossa Senhora de Guadalupe.
Fonte: Retirada pela pesquisadora em 2015.

Alguns professores que atuavam no ensino médio (imagem nº 05) pareciam meios desconfiados, depois de minha apresentação como futura professora de educação do campo, pois entre um e outro momento, brincavam dizendo que os educadores do

campo estariam chegando para ocupar os lugares deles no Ensino Modular. Por isso, somente será mencionada as falas das professoras que se dispuseram a colabora nesta pesquisa.

Imagem 5: Momento de aula na Escola de Nossa Senhora de Guadalupe.
Fonte: Retirada pela pesquisadora em 2015.

Os professores inseridos no Programa do SOME, distribuídos em diferentes localidades ribeirinhas, vem de um histórico de licenciatura em áreas distintas como História, Geografia, Matemática, Letras (língua portuguesa, espanhol, inglês) e outros.

Segundo os professores, eles *"se baseiam no currículo que a escola os coloca, pois tem que fechar o módulo dentro de sessenta dias, para poder ir para outra localidade"* (Entrevista cedida em novembro de 2014).

Uma das entrevistadas é uma professora de Língua Portuguesa, que faz parte do Sistema Modular, é ex-moradora da Ilha do Capim e reside hoje em Abaetetuba com sua família (marido e filha), que, segundo a mesma, como já foi aluna da região ribeirinha *"sabe como conciliar o saber acadêmico (cientifico) com o saber local",* pois passou e passa pelas mesmas necessidades que a educação dessa região vem sofrendo, *"precisando de mais políticas públicas para essas comunidades",* que ainda são poucas e continua,

> São poucas as famílias que tem condições financeiras para manter os estudos dos filhos na cidade e ter a sorte de voltar a sua origem para compartilhar seus ensinamentos, mesmo com toda dificuldade que o local apresenta. (Entrevista cedida em novembro de 2014).

Outra entrevistada é professora da disciplina de Física, dizendo ela, não ter vínculo familiar (parental) com a região ribeirinha em que trabalha, mas *"vejo a necessidade que cada aluno tem em um momento de compartilhar saberes e modos que o livro didático traz para a sala de aula".* Ela se mobiliza tentando de várias formas aproximar os conhecimentos do dia a dia desses adolescentes, e continua,

> Sei que nessa idade da adolescência é meio complicado apreender a atenção dos alunos e a única forma que ela consegue é conciliar o trabalhado que eles exercem no âmbito familiar trazendo e se misturando com os livros didáticos. (Entrevista cedida em novembro de 2014).

Esses questionamentos serviram de base para traçar o caminho cultural, político, econômico dentro da educação, pois a partir deles podemos analisar a vida cotidiana que envolve a experiência de saberes da realidade subjetiva das pessoas comuns, uma família ribeirinha, por exemplo, composto de pai, mãe, irmãos, tios, primos ou parentes, que são indivíduos que compartilham dessa mesma definição e acabam construindo uma realidade e unindo as subjetividades formando essa ação social dentro de sua comunidade.

A construção cotidiana desses alunos em seu meio familiar ainda se faz conforme o sexo/gênero, por exemplo, as meninas começam desde seus sete anos de idade a ter a responsabilidade de cuidar de seus irmãos menores, afazeres domésticos, artesanatos e, como trabalho externo, pescar camarão e os meninos, aos seis anos de idade, começam a acompanhar seus pais na caça, pesca e ao cultivo do açaí, e em alguns momentos o trabalho acaba se misturando entre crianças, jovens (adolescentes) e adultos.

Esses são os primeiros pontos de referência da divisão de trabalho pelo sexo entre os indivíduos da comunidade de Nª. Sª.de Guadalupe, lugares este onde irão aprender os conhecimentos repassados de pais para os filhos, de geração em geração dessa comunidade.

Gilberto Velho (1987)[5] discute que a família assume um papel importante no processo de "socialização de subjetividades", pois essa distribuição também é o sustento da organização social do grupo, sendo que essa organização é identificada em qualquer âmbito da sociedade, assumindo responsabilidades diferentes, em diferentes culturas e locais para reproduzir a vida em cada sociedade.

[5] Gilberto Velho é um autor que trabalha com questões relacionadas com o urbanismo em sociedades segmentadas, mas que servem como modelo para se pensar questões entre os ideais de modernidade do presente em contraste ou não com as concepções dos clássicos da Sociologia em questão.

Esses autores nos ajudam a compreender a relação que se estabelece entre o trabalho desenvolvido dentro e fora da sala de aula, o que eles fazem ou pensam no seu dia a dia reflete na expectativa que eles mesmos constroem de si mesmos como ressalta Berger & Lukmann (1988), "O conhecimento da vida diária corresponde o entendimento de como as pessoas interpretam a realidade em que estão inseridas e conferem sentido à sua existência"

Sobre esse tipo de trabalho em que os alunos exercem desde cedo em seu âmbito familiar, os professores sabem, ou deveriam saber, como é a vida cotidiana desses alunos antes de irem para a escola, pois existe todo um processo cultural muito antes desses alunos chegarem à sala de aula, acordando de madrugada junto com os mais velhos da casa, realizando seus afazeres, seja ele doméstico ou no mato, roçando e chegando no horário ou atrasado para se arrumarem e seguir para a escola.

Existe um ou outro aluno que ultrapassa o horário de entrada, sendo logo comunicado ao responsável comparecer na escola. Os atrasos, quando não possuem outro motivo, geralmente são pelos "afazeres" de casa como disse a mãe de um aluno, quando vai levar o pai e os amigos no açaizal[6], tem que voltar até em casa pegar café, pão, farinha, comida, pois passarão o dia e tarde plantando, caçando e/ ou fazendo apanhando açaí no açaizal, e ao mesmo tempo o menino já leva o açaí para a mãe bater o fruto na máquina própria para o consumo da família. Enquanto isso, o "rabeteiro"[7], está passando no rio pegando os alunos e levá-los até a escola, depois de pronto já não da mais tempo de pegá-lo, então precisa ir a remo ou a motor para escola, o que lhe atrasa a chegada.

Pois esses saberes culturais que o sujeito ribeirinho traz em suas ações podem servir de interrogações a Professores que atuam nessas áreas, como, a construção do cotidiano e os trabalhados que eles exercem antes de iniciar suas aulas, conhecendo sua histórias, seus saberes e fazeres domésticos (meninas) e pescaria, floresta (meninos) legitimar esses saberes como mediação e usá-las nas diversas áreas de conhecimento, promovendo a Pedagogia da Alternância.

Como ressalta Jean Claude (2007), este sujeito do campo, ao tornar- se estudante na proposta metodológica da pedagogia da Alternância, caracteriza- se também como sujeito alternante. Ou seja, pertencente e envolvido no movimento

[6] "Açaizal": Local onde se planta o açaí para cultivo e posterior venda e consumo.
[7] "Rabeteiro": Individuo que pilota o barco, neste caso, a "rabeta", que é uma embarcação pequena que navega mais rápido que outros barcos, pois é menor e seu motor mais potente.

alternado da Pedagogia da Alternância, caracteriza-se como sujeito que, nas experiências, nas complexidades das relações e situações amplia as possibilidades de aprendizagens a partir desse movimento.

Assim esse movimento de Pedagogia da Alternância aproxima o educador do educando, ganhando confiança, dando liberdade ao conhecimento local e sejam estes agregador das experiências culturais das comunidades do campo, corroborando uma troca interativa entre conhecimento cientifico junto aos saberes locais.

Desse modo, muitos professores reclamam, mas não podem (e não devem) interferir no âmbito estrutural de organização da família ribeirinha, pois esses são os modos e costumes, que essa comunidade se expressa, modos esses que aprenderam desde cedo com seus pais tios e avós, sobre os quais se estruturam suas relações. Isso levando em consideração, também, o meio natural (rios e matas) que organizam a vida em comunidade.

O modo que os saberes locais como a construção e uso da "peconha" [8], por exemplo, usado pelos ribeirinhos, até a venda do açaí na cidade, podem ajudar crianças e adolescentes a se interdisciplinarizar nos conteúdos escolares, sendo estes, formas de aprendizagem do seu local para o mundo. Dessa forma dá apoio e segurança ao ribeirinho para se emanciparem-se onde quer que estejam, pois como diz Marcia Andrade (1993),

> Esta questão não está vinculada tão somente à preparação para as atividades agrárias, mas passa também pela valorização do trabalho rural. Neste sentido, os trabalhadores demonstram claramente o desejo da permanência do jovem no campo, exercendo até profissões de alto nível de especialização, e a educação como meio de instrumentalizá-lo (Maria do Socorro, 2010 apud ANDRADE, 1993).

Essa concepção de Educação do Campo refere- se à multiplicidade de experiências educativas, desenvolvidas em diferentes espaços e sujeitos, e essa diversidade de sujeitos espalhados pelo Brasil, seja ela nos espaços da floresta, da pecuária, do cultivo, dos trabalhadores rurais sem terra, camponeses, da agricultura, dos pescadores, seja eles, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, movimentos sociais legitimados ou em processos, estando esses em diferentes regiões, mas com raízes semelhantes. Reivindicando seus direitos civis coletivos por políticas educacionais e elaboração de diversas práticas educativas, em suas diferentes esferas cultural.

[8] "Peconha": É um laço de corda ou de pedaço de saco de fibra de embira, em que os trepadores de árvore apoiam os pés de encontro ao caule, para subirem com a força de suas pernas e braços até ao açaí no alto das árvores.

Capitulo 4

(Re) pensando as práticas de ensino em Educação do Campo

A valorização do saber local dos sujeitos do campo ribeirinho e outros é a base principal que a Licenciatura em Educação do Campo traz em sua trajetória, um novo paradigma que professores das Universidades Nacionais e Internacionais seguem na defesa da educação para tentar mostrar o caminho das realidades que eles acreditam e que possa mudar o mundo e a emancipação humana e tendo sua liberdade para lutar pelos seus direitos, dando o poder do conhecimento do mundo real por meio da nossa história enquanto constituidora de nossa organização social, no campo e na cidade.

Dentre esses contextos de Educação do Campo surgem vários aspectos que traduzem quanto à educação formal, a reivindicação dos movimentos sociais quanto à permanência das escolas no campo e demandas quanto aos conteúdos e que estes valorizem a cultura dos povos do campo e que façam ampliar os conhecimentos organizados cotidianamente pela população em sua experiência de vida.

As lutas seguem em prol da oferta de uma educação de qualidade para que sejam desenvolvidas nas localidades, principalmente as mais distantes, sem que os professores passem por esse processo de rotatividade e a educação do campo seleciona pessoas dessas localidades que possibilite sua formação e inserção no trabalho pedagógico .

Roseli Caldart diz que educação do campo não se reduz ao debate da escola, da educação formal ou das propostas pedagógicas, mas sim, “a materialidade de educação do Campo está nos processos formadores dos sujeitos coletivos da produção e das lutas sociais do campo” Caldart (2008).

Continua a autora, para uma questão de fundo epistemológico, em que o grande desafio da educação do campo e educadores junto aos educandos é quando se trata que a construção do conhecimento é o da valorização das relações e contradições sociais em que fazem emergir a Educação do Campo em sua relação com sua particularidade (repleta de contradições) de prática social da história, dos sujeitos sociais e da cultura como práxis.

Dessa forma é que a Educação do Campo reafirma a necessidade de profissionais que possam trabalhar com profundidade nos currículos escolares, para que eles conheçam as especificidades das culturas locais nos quais irão lecionar, sejam elas,

dependendo de cada local, como exemplo, na cidade com crianças e jovens que estão em constantes mudanças; em comunidades quilombolas com povos étnicos , aldeias indígenas nos seu ritos, tradições e ou assentamentos, onde é preciso reconhecer suas lutas, longas caminhadas, intermediações, místicas, perdas e vitórias e as comunidades ribeirinhas, conhecendo desde a agricultura do açaí até a organização social local de trabalho trazendo esses saberes locais para sala de aula, tornando-se mais coerente a educação do campo e seus objetivos de planejamento nos espaços do campo, já que é a isto que ela se propõe.

E esses processos de produção, circulação e de consumo que, quando estudados pelo educador do campo, auxiliam na compreensão dos alunos sobre suas histórias, lutas, o modo de (re) existência de cada grupo para se reconhecer, se afirmar e se identificar pelas a suas especificidades, dependendo do local em que estes estão.

Na região ribeirinha, por exemplo, os recursos e financiamentos que as escolas recebem são muitos poucos comparada ao número de alunos em que elas recebem no total de cento e oitenta (180) alunos ao ano(dados retirados do T.C de 2011) a região não tem energia elétrica disponível, pois, equipamentos que poderiam ajudar em localizações, em imagens ou pesquisas não estão como prioridades para os alunos que trabalham e vivem em regiões onde a acessibilidade geográfica impede de chegar esses meios de se explorar o mundo, que poderiam servir como auxilio no processo de ensino- aprendizagem.

Nesse sentido, os conteúdos colocados pela escola ao educador do campo, não se restringem ao que o livro didático lhes coloca, pronto e acabado, momento esse em que o educador do campo junto aos conteúdos curriculares, debates, discussões e métodos de melhor compreensão, estuados por eles nas universidades se mesclam durante a troca de conhecimentos utilizada nas habilidades em que cada ser traz em sua trajetória.

O modo de ensinar não está escrito em livros, mas sim nas relações do ser humano com o outro, com a natureza e com o mundo, no perceber de como as comunidades ribeirinhas se organizam, pois ensinar é preciso saber escutar, saber da história que cada um tem a compartilhar, para que desperte um momento de conhecimento entre o educador e educando e assim provoque reações que estimule nos alunos o desejo de perguntar, debater, de se posicionar para que eles possam dialogar de forma em que os assuntos fluam facilmente de acordo com as discursões em questão, esclarecendo dúvidas surgidas de ambas as partes.

Durante os trabalhos de Campo no T.C nas observações, a interação dos educadores do Some com alunos na ação pedagógica, revelou- se em momentos de descontextualização à realidade dos alunos, pois, a escola deveria ser um lugar democrático, pois se revela nesses momentos uma estrutura de organização hierárquica e uma direção curricular que pode influenciar em condutas e relações sociais dos ribeirinhos. Com base nas observações nos interesses que orientam a produção do conhecimento do educador, podemos compará-los o conhecimento científico dele como um crítico- dialético.

De acordo com Machado (1991), o enfoque crítico- dialético, trata de apreender o homem em seu trajeto histórico e em suas inter- relações com outros fenômenos.“ Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades”. Para este enfoque todo ser humano a partir do momento em que passa a se (re)conhecer e conhecer o mundo no qual vive, passa a se transformar e o conhecimento passa a ter sentido quando as alienações se revelam e seu senso crítico despertando os campos sociais, econômicos e políticos.

O campo é um lugar de educação e de vida com reconstrução de conhecimentos e seu currículo ribeirinho poderia ser construídos juntos aos sujeitos do campo, considerar o modo de vivência dos ribeirinhos e como seus “afazeres” são praticados em seu processo de formação, produzindo conhecimento com a função social direcionada a transformação de sociedade emancipadora.

Na comunidade de Nossa Senhora de Guadalupe, tem-se uma educação de ensino modular, onde os professores tem uma grande rotatividade entre as ilhas da cidade de Abaetetuba, e os alunos, por sua vez, tem que adaptar- se a esse modo de educação básica ofertada pelo Estado ou caso tenham condições financeiras estudam na cidade de Abaetetuba em um movimento de ida e vinda todos os dias.

Nas escolas da região ribeirinha em especial na escola de Nª. Sª. do Guadalupe os alunos que estão em processo de (re)conhecimento e curiosidades de mundo sobre o (des)conhecido, pois o que é desconhecido é interessante, sendo também curioso como exemplifica Paulo Freire (2003),

> Ensinar é uma especificidade humana, exige segurança, competência profissional e generosidade, dessa forma com poucas ferramentas de ensino possa deixar uma experiência em cada aluno, pois essa experiência é tudo aquilo que nos toca, que marca e que lembramos quando alguém a comenta (FREIRE, 2003).

Os conteúdos dos livros didáticos, em grande parte, não valorizam realidade local, pois o modo de dominação ainda persiste dentro da sala de aula, nos livros didáticos, sendo que os alunos precisam abrir os olhos para enxergar quem são, se afirmando enquanto seres de ideias e de direitos como diz Freire (2003),

> A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto ao seu desmascaramento. (FREIRE, 2003).

Pois, educar vai muito além do cumprimento curricular é um ato de dedicação ao desenvolvimento global dos educandos e a partir dessa concepção, precisa-se fazer uma análise ou reavaliação de educadores que trabalham nessa região diante dos valores, como ética, moral e costumes que irão intervir na formação do aluno, assim nossa meta é descobrir em nossos alunos maneiras de despertar elementos negativos e positivos proporcionando confiança e harmonia entre ambos.

Por isso que o educador de hoje tem que está voltado para o futuro, preparando seus alunos para as transformações do local em que vive, preparando-se antes de entrar nas comunidades ribeirinhas, articular os conteúdos com o imaginário, com os saberes, identidades e representações para contribuir e atribuir sentidos na formação dos jovens ribeirinhos de forma a ser considerar o perfil e o contexto de onde emerge esse profissional.

Além disso, autores como Paulo Freire (2001), comprometidos com a valorização do conhecimento do aluno (familiar e social) como arquitetura primeira de nossas experiências diz que: não pensa ideias, pensa a existência. E também o educador: existência seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da “práxis” humana busca, na interioridade desta, totalizar como “pratica da liberdade”.

O método desse autor não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências de suas lógicas do discurso abstrato; ela simplesmente coloca o alfabetizando “em condições de poder re-existênciar criticamente as palavras de mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer sua palavra” Freire, (2001).

Em Pedagogia do oprimido (2001), como crítica a educação usada até na educação formal, seja ela, a meu ver, na cidade ou no campo, tem como base a comparação entre o opressor, como sujeito que narra, conta, disserta e consegue persuadir o educando, que é o oprimido e que deve repetir, memorizar e se comunicar

través desses conhecimentos mecânicos repassados pelo opressor. Ele nos evidencia essa educação, que se dá para tentar libertar e humanizar a sociedade e fazer com que os educadores tornem-se mais companheiros dos educandos, fazendo com que ambos troquem ideias, experiências e conhecimentos em diferentes áreas dos saberes para que se possa chegar a uma democracia, onde ambos se educam num processo ontológico (se preocupar com o ser), como nos ressalta Freire (2001), sobre o "aprendizado da perseverança"

> O aprendizado de outra virtude se impõe a perseverança, tenacidade com que devemos lutar por nosso sonho. Não podemos desistir nos primeiros embates, mas a partir deles aprender como errar menos. Na existência de uma pessoa cinco, dez, vinte anos representam alguma coisa, às vezes muito. Mas não na historia de uma nação. Temos que transformar as dificuldades em possibilidades. Sermos pacientemente impacientes (FREIRE, 2001).

Outra autora importante para esta discussão sobre ensinamento e aprendizagem nas escolas do campo é Maria do Socorro Silva (2008), que seguindo o pensamento de Freire, ressalta que a educação como contribuição à humanização dos seres humanos, que nascem inconclusos, inacabados, tornando humanos ou nos desumanizando no decorrer de nossas vidas, porque "ninguém tem liberdade para ser livre, pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem" como diria Freire (2001).

E seguindo essa concepção resgata a definição de João Francisco Souza (2000), para quem "O EU (identidade) de cada ser humano se constrói na coletividade (NÓS)". A humanização implica então na construção de ideias, pensamentos, artes (PENSAR); afetos, vontades, paixões (EMOCIONAR-SE), bem como nas atividades, ações, práticas e experiências (FAZER), no interior das relações "sociais" e "naturais" (MEIO NATURAL E SOCIAL), como complementa Roseli Caldart (2008): "Não é possível pensar um projeto de país, nação, sem pensar um projeto de campo, um lugar social para seus sujeitos concretos, para seus processos produtivos, de trabalho, de cultura, de educação".

Considerações Finais

A categoria campo encerra uma pluralidade de significados, que não são simples, muito menos homogênea, como apontado neste trabalho. Pensar em Educação no e do campo é pensar em qual campo estamos nos referindo.

Esse trabalho de conclusão de curso (TCC) significa um primeiro passo na busca de elementos que nos possibilitem compreender como os conhecimentos científicos e os saberes locais são articulados no processo ensino/aprendizagem desenvolvido em um contexto ribeirinho.

Buscou-se aqui atentar para as peculiaridades desse contexto com o propósito de evidenciar a necessidade de uma educação escolar disposta a lidar com o as demandas locais que emergem. Com efeito, a existência do curso de Educação do Campo é um avanço, à medida que prioriza que seus ingressantes possuam em seu histórico uma aproximação com a realidade na qual irão atuar.

Torna-se difícil para professores que vem de outro contexto conseguir articular os saberes dos alunos com os conhecimentos científicos que precisam trabalhar em sala de aula, dificulta também o fato dessas comunidades serem atendidas educacionalmente pelos sistemas modular, visto anteriormente no qual esse insere o professor na localidade. Dessa forma os professores que estão em sala de aula, por vezes desconhecem aspectos importantes do cotidiano de seus alunos, aspectos esses que possibilitariam resultados positivos no processo ensino aprendizagem.

A educação de forma eficaz se faz quando o educando consegue relacionar os conhecimentos adquiridos nesse processo com a sua realidade concreta, ou seja, percebe seus usos, pois este é um vínculo necessário a ser feito em qualquer processo educacional. Como professores, temos a necessidade de repensarmos nossas práticas, verificando a todo o momento sua eficácia, sendo possível avançar enquanto profissionais comprometidos com o desenvolvimento de nossos alunos e com a educação do campo.

A forma de organização do SOME se dá no processo de rotatividade dos professores, passam de um a dois meses em cada localidade ribeirinha, talvez, dificulte no processo de convivência e conhecimento com alunos e da comunidade. A própria Escola de Nossa Senhora de Guadalupe, é exemplo disso, onde os professores comentam sobre o tempo, que é pouco e corrido, sendo, talvez, uma das causas de não conhecerem a fundo cada aluno, suas necessidades educacionais e costumes locais, não

encontrando tempo para melhor adequar suas aulas, conforme a realidade local da comunidade e efetivamente fazer um educação que seja do campo.

Por tudo isso, esse trabalho não traz resultados prontos e acabados sobre os processos de conhecimentos científicos e saberes locais, mas sim, algumas questões para serem discutidas e analisadas para que possamos nos identificar e nos afirmar não só como licenciados em Educação do Campo, mas sim, podermos questionar nossos currículos de curso superior, assim como, nossas praticas de aula em que somos inseridos após o termino do curso para fazer com mais efetividade uma Educação do Campo (ribeirinha, quilombola, sem terras e outros), e não apenas uma (re)produção acadêmica da cidade para essas populações.

Referências

ANDRADE, Márcia Regina de Oliveira. O destino incerto da educação entre os assentados rurais do Estado de São Paulo In SOUZA, Maria Antônia de. **Educação e movimento sociais do campo:** a produção do conhecimento no período de 1987 a 2007. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

BERGER, Peter & LUKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** Petrópolis: Vozes. 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** 10 ed. Petrópolis-Rio de Janeiro. Editoras Vozes, 2008.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo:** notas de uma análise do percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

CORDEIRO, Georgina N.K; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. **Pedagogia da Alternancia e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo.** Em aberto, Brasília, v.24, n.85, p 115-125. 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano [et al.]. **Educação do campo:** campo-politicas públicas e educação. Clarice Aparecida dos Santos (Org.). Brasília: Incra; MDA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 10° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GONSALVES, Nádia G**.** & GONSALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu:** educação para além da reprodução. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2010.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Petrópolis, Rio de Janeiro.Vozes, 2007.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL **(LDB).** Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: Cejup. 1994.

MOLINA, Castagna Monica (Org**). Educação do Campo e Pesquisa II**: questões para reflexões. Brasília: MDA/ MEC, 2010.

MACHADO.Lucilia.R.de.S.**Politécnica,escola unitária e trabalho**.São Paulo: Cortez/ Autores Associados,1991.

PINHEIRO, Maria Isabel Moura**. A concepção de educação do campo no cenário das politicas publica da sociedade brasileira**. Consultar: <http://br.monografias.com/ trablhos 915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml>. Site visitado em abril de 2015.

RIBEIRO, Marcelle Moreira. **As concepções de "trabalho" para alunos da escola Nossa Senhora de Guadalupe no interior de Abaetetuba-PA.** 2013. 08 f. Relatório (Trabalho docente do curso de Educação do Campo-Ênfase em Ciências Humanas da turma de 2010), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2013.

RIBEIRO, Marcelle Moreira. **Trabelho e Juventude entre os alunos da escola Nossa Senhora de Guadalupe no interior de Abaetetuba-PA.** 2014. 07 f. Relatório (Trabalho docente do curso de Educação do Campo-Ênfase em Ciências Humanas da turma de 2010), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2014.

RIBEIRO, Marcelle Moreira. **Caraterização Geral da Comunidade e Escola da comunidade**. **Nossa Senhora de Guadalupe no interior de Abaetetuba-PA**. 2011. 02 f. Relatório (Trabalho docente do curso de Educação do Campo-Ênfase em Ciências Humanas da turma de 2010), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2011.

RIBEIRO, Marcelle Moreira. **Abaetetuba: a História da Comunidade Rio Tucumanduba**.2010. 01 f. (Trabalho docente do curso de Educação do Campo-Ênfase em Ciências Humanas da turma de 2010), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2010.

SILVA, Maria do Socorro, Da Raiz a Flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo In **Cidadania, organização social e políticas públicas:** Caderno Pedagógico Educandas e Educandos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

SOUZA, João Francisco. **A Educação Escolar, nosso fazer maior, des(a)fia o nosso saber.** Educação de jovens e adultos. Recife: Bagaço, 2000.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação e movimento sociais do campo:** a produção do conhecimento no período de 1987 a 2007. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade In ALMEIDA, A. M.de, CARNEIRO, M.J. PAULA, S.G (Org.). **Pensando a Família no Brasil**. Rio de Janeiro. Espaços e Tempo. Editora da UFRJ, 1987.

Outras referências

Sobre normas técnicas da **ABNT (citações e referências bibliográficas)** consultar: <http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm>. Site visitado de janeiro a setembro de 2015.

Sobre **Dados populacionais de Abaetetuba** consultar: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150010&search=para|abaetetuba:>. Site visitado de janeiro a setembro de 2015.

Sobre **Dicionário de Sinônimos Online** consultar: <http://www.sinonimos.com.br/>. Site visitado de janeiro a setembro de 2015.

Sobre manual de normas para **Elaboração de Projetos e Monografias** consultar: < http://fio.edu.br/manualtcc/co/modulo_%20Principal.html>. Site visitado de janeiro a setembro de 2015.

Sobre historia dos **Rios de Abaetetuba** consultar: **Blog do Riba**: <http://ribaprasempre.blogspot.com.br/2010/08/parabens-abaetetuba-nos-te-abracamos.html>. Site visitado de março a setembro de 2015.

Sobre a história do **Rio Tucumanduba** consultar: **Blog do Ademir Rocha:** <http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2013/09/rio-tucumanduba-e-outros-rios-rios-de.html>. Site visitado de março a setembro de 2015.

Sobre imagens do **Trapiche do município de Abaetetuba** consultar: <https://www.google.com.br/search?q=trapiche+de+abaetetuba&espv=2&biw=1280&bih=675&source>. Site visitado de fevereiro a setembro de 2015.